

- PORQUE MAIS VALE ESCREVER QUE PARTIR UMA PERNA DE PAU
- PORQUE NADA A PERDER E TUDO A GANHAR
- PORQUE BUM BUM RACATACATAC
- PORQUE SEM CONTROLE
- PORQUE TRABALHO CIAO
- PORQUE O GATO ESTÁ FINALMENTE CURADO
- PORQUE NOS ESTAMOS A CAGAR PARA TUDO PAGAR
- PORQUE NÓS ARRASAREMOS AS PRISÕES
- PORQUE ANDROGENIA SOCIAL E AVENTURA COMBATENTE
- PORQUE VIVER LIVRE OU MORRER
- PORQUE ROCK DA SUBVERSÃO CONTRA A VALSA DAS ETIQUETAS
- PORQUE A VIDA É PARA SER TOMADA
- PORQUE SOMOS DE TODAS AS BRIGAS
- PORQUE HÁ QUE CONTAR COM OS OUTROS...



# OCUPAR... É LUTAR

(PARIS 1984)



- PORQUE MAIS VALE ESCREVER QUE PARTIR UMA PERNA DE PAU
- PORQUE NADA A PERDER E TUDO A GANHAR
- PORQUE BUM BUM RACATACATAC
- PORQUE SEM CONTROLE
- PORQUE TRABALHO CIAO
- PORQUE O GATO ESTÁ FINALMENTE CURADO
- PORQUE NOS ESTAMOS A CAGAR PARA TUDO PAGAR
- PORQUE NÓS ARRASAREMOS AS PRISÕES
- PORQUE ANDROGENIA SOCIAL E AVENTURA COMBATENTE
- PORQUE VIVER LIVRE OU MORRER
- PORQUE ROCK DA SUBVERSÃO CONTRA A VALSA DAS ETIQUETAS
- PORQUE A VIDA É PARA SER TOMADA
- PORQUE SOMOS DE TODAS AS BRIGAS
- PORQUE HÁ QUE CONTAR COM OS OUTROS...



# OCUPAR... É LUTAR

(PARIS 1984)



Os textos que constituem esta pequena brochura foram publicados na zine *Molotov & Confetti* #1 (Paris, 1984).  
Tradução do francês de Kamedo (março 2022).

Todos os números de *Molotov & Confetti* estão arquivados na Internet pelos “Archives Autonomies”:

<http://archivesautonomies.org/spip.php?article302>

Segundo o site “Archives Autonomies”, os três números de *Molotov & Confetti* foram publicados em 1984 e 1985 no início de várias tentativas que visavam abrir um “Centro Autónomo Ocupado” em Paris. A equipa de Molotov & Confetti também estava ligada à “Radio Mouvance”, uma rádio livre, fundada em 1983, que se definia “anti-racista, anti-fascista, anti-imperialista, anti-colonialista e anti-sionista”. Literalmente ocupando a frequência 106 MHz anteriormente reservada ao exército e recusando obstinadamente pedir autorização às autoridades, a rádio sofreu às mãos do Estado. Cerca de seis apreensões entre 1983 e 1986 (cinco com governos de esquerda e a última com um governo de direita a 24 de Abril de 1986).

Zanzara athée, novembro 2022

[zanzara@squat.net](mailto:zanzara@squat.net)

[<https://infokiosques.net/zanzara>]

Anticopyright.

Os textos que constituem esta pequena brochura foram publicados na zine *Molotov & Confetti* #1 (Paris, 1984).  
Tradução do francês de Kamedo (março 2022).

Todos os números de *Molotov & Confetti* estão arquivados na Internet pelos “Archives Autonomies”:

<http://archivesautonomies.org/spip.php?article302>

Segundo o site “Archives Autonomies”, os três números de *Molotov & Confetti* foram publicados em 1984 e 1985 no início de várias tentativas que visavam abrir um “Centro Autónomo Ocupado” em Paris. A equipa de Molotov & Confetti também estava ligada à “Radio Mouvance”, uma rádio livre, fundada em 1983, que se definia “anti-racista, anti-fascista, anti-imperialista, anti-colonialista e anti-sionista”. Literalmente ocupando a frequência 106 MHz anteriormente reservada ao exército e recusando obstinadamente pedir autorização às autoridades, a rádio sofreu às mãos do Estado. Cerca de seis apreensões entre 1983 e 1986 (cinco com governos de esquerda e a última com um governo de direita a 24 de Abril de 1986).

Zanzara athée, novembro 2022

[zanzara@squat.net](mailto:zanzara@squat.net)

[<https://infokiosques.net/zanzara>]

Anticopyright.

confrontar com os problemas de trabalho, de guita, de controle, de vida colectiva. Não pode sobreviver se aqueles que se reconhecem como desempregados, proletários, emigrantes, ocupas ou não, não estiverem lá para a apoiar, para a defender.

Hoje, se uma ocupa é um gueto dentro do gueto, ela morre. Para funcionar, uma só condição: estar em luta.

## Molotov

Várias dezenas de “ocupas em cólera” atacaram a 15 Maio [1984] em Ménilmontant [distrito de Paris] uma patrulha de bófias à cacetada e cocktails Molotov (e confeti!). No meio da confusão uma antena da HLM da Ville de Paris foi atacada depois da evacuação de quem lá se encontrava. Reivindicação: contra os desalojos e o policiamento do bairro. Viste? A imprensa nada disse.

7

confrontar com os problemas de trabalho, de guita, de controle, de vida colectiva. Não pode sobreviver se aqueles que se reconhecem como desempregados, proletários, emigrantes, ocupas ou não, não estiverem lá para a apoiar, para a defender.

Hoje, se uma ocupa é um gueto dentro do gueto, ela morre. Para funcionar, uma só condição: estar em luta.

## Molotov

Várias dezenas de “ocupas em cólera” atacaram a 15 Maio [1984] em Ménilmontant [distrito de Paris] uma patrulha de bófias à cacetada e cocktails Molotov (e confeti!). No meio da confusão uma antena da HLM da Ville de Paris foi atacada depois da evacuação de quem lá se encontrava. Reivindicação: contra os desalojos e o policiamento do bairro. Viste? A imprensa nada disse.

7

revistar, para apreender, não é o ocupa que eles visam, é o “delinquente”, o fugitivo ou o emigrante clandestino.

Quando eles não te deixam nenhum descanso, quando te expulsam a cada semana da casa que ocupas, não é apenas a ocupa que eles querem destruir: em qual ANPE [*Agence Nationale Pour l'Emploi*, equivalente ao Centro de Emprego] é que te vais inscrever? Qual é a morada legal no teu cartão de residência, do teu contrato de trabalho ou da Segurança Social.

Hoje em dia, já não podemos ocupar uma casa esquecendo-nos do resto. Não podemos simplesmente resolver o nosso problema de habitação e ficarmos por aí.

Porque o Estado, ele, não esquece nunca o que nós somos. Porque a sua opressão não pára na casa.

Uma ocupa nos dias de hoje não pode viver sozinha. Não pode aguentar sozinha. Porque longe de ser uma simples questão de alojamento, é também necessariamente uma história de bules, subsídios, autorizações de residência, vida de bairro, comida, festa.

Uma ocupa, hoje em dia, não pode sobreviver sem se

6

revistar, para apreender, não é o ocupa que eles visam, é o “delinquente”, o fugitivo ou o emigrante clandestino.

Quando eles não te deixam nenhum descanso, quando te expulsam a cada semana da casa que ocupas, não é apenas a ocupa que eles querem destruir: em qual ANPE [*Agence Nationale Pour l'Emploi*, equivalente ao Centro de Emprego] é que te vais inscrever? Qual é a morada legal no teu cartão de residência, do teu contrato de trabalho ou da Segurança Social.

Hoje em dia, já não podemos ocupar uma casa esquecendo-nos do resto. Não podemos simplesmente resolver o nosso problema de habitação e ficarmos por aí.

Porque o Estado, ele, não esquece nunca o que nós somos. Porque a sua opressão não pára na casa.

Uma ocupa nos dias de hoje não pode viver sozinha. Não pode aguentar sozinha. Porque longe de ser uma simples questão de alojamento, é também necessariamente uma história de bules, subsídios, autorizações de residência, vida de bairro, comida, festa.

Uma ocupa, hoje em dia, não pode sobreviver sem se

6

## Ocupar... é lutar

Dificuldade. Ser jovem e encurralado à dos teus pais, é preciso muita para alugar um quarto. Viver do subsídio e dormir na rua porque os alugueres são demasiado caros. Trabalhar a negro ou temporário e colares-te nos amigos porque os proprietários exigem contratos de trabalho. Ser emigrante e ter que bazar para um subúrbio distante – quando não são estas, são outras razões – porque no bairro, fazem-se reestruturações. A dificuldade.

A dificuldade para 50 000 Parisienses sem casa. A dificuldade para 15 000 a quem só restam os bancos de jardim e as estações de metro. A dificuldade para 300 000 outros que esperam à meses uma habitação social improvável. Sem contar com os milhões que passam fome para pagar casa, ou que por falta de opções vivem em cubículos bem podres.

A dificuldade, e 300 000 habitações vazias só em Paris. Velhos, novos, grandes, pequenos, limpos, sujos. Todos podem sonhar. Só que...

Só que a cidade de amanhã, eles querem-na limpa,

3

## Ocupar... é lutar

Dificuldade. Ser jovem e encurralado à dos teus pais, é preciso muita para alugar um quarto. Viver do subsídio e dormir na rua porque os alugueres são demasiado caros. Trabalhar a negro ou temporário e colares-te nos amigos porque os proprietários exigem contratos de trabalho. Ser emigrante e ter que bazar para um subúrbio distante – quando não são estas, são outras razões – porque no bairro, fazem-se reestruturações. A dificuldade.

A dificuldade para 50 000 Parisienses sem casa. A dificuldade para 15 000 a quem só restam os bancos de jardim e as estações de metro. A dificuldade para 300 000 outros que esperam à meses uma habitação social improvável. Sem contar com os milhões que passam fome para pagar casa, ou que por falta de opções vivem em cubículos bem podres.

A dificuldade, e 300 000 habitações vazias só em Paris. Velhos, novos, grandes, pequenos, limpos, sujos. Todos podem sonhar. Só que...

Só que a cidade de amanhã, eles querem-na limpa,

3

ordenada, disciplinada e rentável. Tu passas por onde te dizem de passar. Tu ficas aonde te dizem de ficar, Tu pagas aonde te dizem de pagar. Tu creches aonde te dizem de habitar. Cada um no seu canto. Todos bem dispersos, bem isolados, bem vigiados, bem controlados. Inofensivos.

Guetos emigrantes onde nos cagamos pá lei e pá “cultura francesa”, onde cerramos os punhos para sobreviver e lutar, aonde nenhum bófia pode entrar sem arriscar a sua saúde. Eles não querem mais.

Tribos de jovens que chegam às cidades, despreocupados com as regras e com a ordem, chungas, busca-vidas, algazarras, festas, músicas selvagens e estilos infernais, eles não querem mais. Batalhões de desempregados um pouco desesperados, sem nada a perder e prontos a tudo, eles não querem mais!

Tu vergas-te às suas quatro vontades, vives como eles querem que vivas, tu jogas o jogo da sua sociedade, onde vais morrer. E no entanto, 300 000 habitações estão vazias hoje em Paris.

300 000 habitações vazias, 300 000 habitações a tomar, a ocupar colectivamente, a squatar, como milhares já o fizeram, desde a “Nationale” aos “Vilins”, à

“Cascades” na Rue de Flandres, ao “Crimée” nos Champs-Élysées.

Só que isso não funcionou sempre. Na verdade funciona cada vez menos. Ocupações selvagens do 20º, ocupas mais tranquilas do 19º, ocupas rebeldes do CAO [*Centre Autonome Occupé*], ocupas colaboracionistas ou ocupas clandestinas, foram todas expulsas.

Mas qual é a surpresa? Se é de nós que eles se querem livrar, se são os nossos ajuntamentos que eles querem interditar, bem que nos perguntamos porque toleravam as nossas ocupas!

Até que se tornou uma questão de guita, até que começaram a querer proteger e rentabilizar os seus imóveis, nós podíamos sempre utilizar a lei para apanhar o Estado e os seus proprietários nas suas próprias armadilhas. Fazer as coisas durar um ano, dois anos ou mais.

Mas agora a situação é outra. Nos jornais tratamos de dealers e assassinos, não é tanto o ocupa que é atacado mas sim o jovem, o desempregado, o emigrante ou o proletário.

Quando eles se permitem de vir cada semana para

ordenada, disciplinada e rentável. Tu passas por onde te dizem de passar. Tu ficas aonde te dizem de ficar, Tu pagas aonde te dizem de pagar. Tu creches aonde te dizem de habitar. Cada um no seu canto. Todos bem dispersos, bem isolados, bem vigiados, bem controlados. Inofensivos.

Guetos emigrantes onde nos cagamos pá lei e pá “cultura francesa”, onde cerramos os punhos para sobreviver e lutar, aonde nenhum bófia pode entrar sem arriscar a sua saúde. Eles não querem mais.

Tribos de jovens que chegam às cidades, despreocupados com as regras e com a ordem, chungas, busca-vidas, algazarras, festas, músicas selvagens e estilos infernais, eles não querem mais. Batalhões de desempregados um pouco desesperados, sem nada a perder e prontos a tudo, eles não querem mais!

Tu vergas-te às suas quatro vontades, vives como eles querem que vivas, tu jogas o jogo da sua sociedade, onde vais morrer. E no entanto, 300 000 habitações estão vazias hoje em Paris.

300 000 habitações vazias, 300 000 habitações a tomar, a ocupar colectivamente, a squatar, como milhares já o fizeram, desde a “Nationale” aos “Vilins”, à

“Cascades” na Rue de Flandres, ao “Crimée” nos Champs-Élysées.

Só que isso não funcionou sempre. Na verdade funciona cada vez menos. Ocupações selvagens do 20º, ocupas mais tranquilas do 19º, ocupas rebeldes do CAO [*Centre Autonome Occupé*], ocupas colaboracionistas ou ocupas clandestinas, foram todas expulsas.

Mas qual é a surpresa? Se é de nós que eles se querem livrar, se são os nossos ajuntamentos que eles querem interditar, bem que nos perguntamos porque toleravam as nossas ocupas!

Até que se tornou uma questão de guita, até que começaram a querer proteger e rentabilizar os seus imóveis, nós podíamos sempre utilizar a lei para apanhar o Estado e os seus proprietários nas suas próprias armadilhas. Fazer as coisas durar um ano, dois anos ou mais.

Mas agora a situação é outra. Nos jornais tratamos de dealers e assassinos, não é tanto o ocupa que é atacado mas sim o jovem, o desempregado, o emigrante ou o proletário.

Quando eles se permitem de vir cada semana para